

MACHOÍSMO SOCIAL: UMA PROPOSTA CONCEITUAL PARA COMPREENDER AS NOVAS MASCULINIDADES REATIVAS NA CULTURA DIGITAL

SOCIAL MACHISMO: A CONCEPTUAL PROPOSAL FOR UNDERSTANDING REACTIVE MASCULINITIES IN DIGITAL CULTURE

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.063-018>

Arneles de Alencar

Graduando em Licenciatura em Pedagogia pelo IFRS-Câmpus Alvorada

E-mail: arneles.alencar@aluno.alvorada.ifrs.edu.br

ORCID: 0009-0008-8449-0663

Resumo

As transformações nas relações de gênero, a intensificação da cultura digital e a crescente influência das plataformas digitais na produção de identidades têm ampliado o interesse acadêmico pelas novas formas de construção das masculinidades. Nesse contexto, comunidades virtuais associadas à chamada *manosphere*, entre elas os movimentos *Redpill*, passaram a ocupar espaço significativo nos debates sobre gênero, sociabilidade e comunicação digital. Embora esses fenômenos tenham sido abordados por diferentes campos do conhecimento, observa-se a predominância de análises centradas em aspectos específicos, como as relações de poder, a misoginia, os movimentos masculinistas ou o funcionamento das plataformas digitais. Este artigo tem como objetivo propor o conceito de **Machoísmo Social** como categoria analítica original, destinada à compreensão dos processos de reconstrução identitária masculina mediados pelas tecnologias digitais. Trata-se de um ensaio teórico, de abordagem qualitativa, fundamentado em revisão narrativa da literatura nacional e internacional sobre masculinidades, cultura digital, estudos de gênero e comunicação em plataformas. A discussão dialoga com contribuições de Connell, Kimmel, Castells, van Dijck, Gillespie, Ging e Van Valkenburgh, articulando esses referenciais à proposição de um modelo analítico próprio. Defende-se que o Machoísmo Social pode ser compreendido como um processo sociocultural caracterizado pela interação entre transformações sociais, experiências individuais, mediação algorítmica e produção coletiva de narrativas sobre masculinidade em ambientes digitais. Como contribuição teórica, apresenta-se um modelo composto por quatro dimensões analíticas: estrutural, discursiva, tecnológica e identitária, as quais buscam integrar diferentes perspectivas presentes na literatura. Conclui-se que a categoria proposta constitui uma hipótese interpretativa passível de investigação empírica, podendo contribuir para os estudos sobre masculinidades, cultura digital, educação e comunicação.

Palavras-chave: Cultura Digital; Identidade Social; Manosphere; Masculinidades; Plataformas Digitais.

Abstract

The transformation of gender relations, the expansion of digital culture, and the growing influence of digital platforms on identity formation have intensified academic interest in contemporary masculinities. Within this context, online communities associated with the so-called *manosphere*, including the Redpill movement, have gained increasing attention in debates on gender, sociability, and digital communication. Although these phenomena have been examined from different disciplinary perspectives, existing studies have predominantly focused on specific dimensions, such as gender power relations, misogyny, men's movements, or platform dynamics. This article proposes the concept of **Social Machismo** (*Machoísmo Social*) as an original analytical category for understanding processes of male identity reconstruction mediated by digital technologies. This theoretical essay adopts a qualitative approach based on a narrative review of national and international literature on masculinities, digital culture, gender studies, and platform communication. Drawing upon the works of Connell, Kimmel, Castells, van Dijk, Gillespie, Ging, and Van Valkenburgh, the paper develops an original analytical framework. It argues that Social Machismo can be understood as a sociocultural process emerging from the interaction between social transformations, individual experiences, algorithmic mediation, and the collective production of narratives about masculinity in digital environments. As a theoretical contribution, the article presents a four-dimensional analytical model integrating structural, discursive, technological, and identity-based perspectives. It concludes that the proposed concept should be understood as an interpretative hypothesis open to empirical investigation and further theoretical refinement.

Keywords: Digital Culture; Digital Platforms; Manosphere; Masculinities; Social Identity.

1 INTRODUÇÃO

As transformações sociais das últimas décadas alteraram significativamente as formas de construção das identidades de gênero e das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais. A ampliação da participação das mulheres em diferentes esferas da vida pública, a pluralização das configurações familiares, a expansão dos debates sobre igualdade de gênero e a crescente digitalização das interações sociais têm produzido novos desafios para a compreensão das masculinidades contemporâneas (Connell, 2005; Connell; Messerschmidt, 2005; Kimmel, 2013).

Paralelamente, o desenvolvimento das plataformas digitais modificou profundamente os processos de socialização e produção de identidades. Conforme argumenta Castells (2020), a sociedade em rede reorganizou as formas de comunicação, permitindo que indivíduos geograficamente dispersos compartilhassem experiências, construíssem comunidades e produzissem identidades coletivas mediadas por tecnologias. Nesse contexto, plataformas como YouTube, Reddit, Discord, X e TikTok passaram a

desempenhar papel central na circulação de discursos sobre masculinidade, relacionamentos e comportamento.

É nesse cenário que surge a denominada *manosphere*, conjunto heterogêneo de comunidades digitais voltadas à discussão de experiências masculinas, direitos dos homens e críticas às transformações nas relações de gênero (Ging, 2019; Van Valkenburgh, 2021). Embora esses fenômenos tenham sido abordados por diferentes campos do conhecimento, observa-se a predominância de análises fragmentadas, centradas ora nas relações de poder e misoginia, ora no funcionamento das plataformas ou em comunidades específicas.

Partindo desse panorama, o presente artigo propõe o conceito de **Machoísmo Social** como categoria analítica original destinada a compreender o **processo** de reconstrução identitária masculina mediado por plataformas digitais. Diferentemente de abordagens que se concentram em conteúdos ou atores isolados, o Machoísmo Social enfatiza o “como” dessa reconstrução: um processo sociocultural dinâmico e recursivo no qual transformações sociais, experiências individuais, mediações algorítmicas e produção coletiva de narrativas interagem continuamente na formação de sentidos compartilhados sobre masculinidade. Trata-se, portanto, de um conceito essencialmente processual e mediado, que busca capturar a maneira pela qual identidades masculinas são construídas, negociadas e fortalecidas no ambiente digital contemporâneo.

Do ponto de vista metodológico, este ensaio teórico de abordagem qualitativa fundamenta-se em revisão narrativa da literatura nacional e internacional sobre masculinidades, cultura digital, estudos de gênero e comunicação em plataformas. Além desta introdução, o artigo está organizado em cinco seções. A primeira apresenta as transformações das masculinidades contemporâneas. Em seguida, discute-se a cultura digital e a constituição da *manosphere*. Posteriormente, desenvolve-se a proposta conceitual do Machoísmo Social e seu modelo analítico. Por fim, discutem-se as implicações teóricas e possibilidades de aplicação do conceito em pesquisas futuras.

2 MASCULINIDADES COMO CATEGORIA ANALÍTICA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA COMPREENDER AS TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

A compreensão das masculinidades constitui um campo consolidado de investigação nas Ciências Humanas e Sociais, especialmente a partir da década de 1980, quando os estudos de gênero passaram a deslocar o foco das diferenças biológicas para a análise das relações sociais historicamente construídas entre homens e mulheres. Nesse contexto, a masculinidade deixou de ser compreendida como uma condição natural ou universal, passando a ser analisada como uma construção social, histórica e cultural, sujeita a transformações conforme o tempo, o espaço e as relações de poder (Connell, 2005).

Esse deslocamento representou uma ruptura significativa com perspectivas essencialistas que concebiam o comportamento masculino como consequência direta da biologia. Em seu lugar, consolidou-

se uma abordagem relacional, segundo a qual as masculinidades são produzidas nas interações sociais e nas disputas simbólicas que definem quais formas de ser homem são valorizadas em determinado contexto histórico (Connell; Messerschmidt, 2005).

Entre as principais contribuições desse campo destaca-se o conceito de masculinidade hegemônica, desenvolvido por Connell (2005). A autora argumenta que não existe uma única masculinidade, mas múltiplas masculinidades organizadas em relações de hierarquia. A masculinidade hegemônica corresponde ao modelo socialmente legitimado em determinado contexto, estabelecendo padrões normativos de comportamento que influenciam tanto homens quanto mulheres. Trata-se, entretanto, de uma categoria dinâmica, continuamente reconstruída em função das mudanças sociais.

Connell e Messerschmidt (2005) revisaram posteriormente esse conceito, enfatizando que a masculinidade hegemônica não descreve necessariamente a forma de masculinidade mais frequente, mas aquela que ocupa posição de maior legitimidade simbólica em determinado contexto histórico. Os autores também destacam que diferentes masculinidades coexistem em relações de subordinação, cumplicidade ou marginalização, evidenciando a complexidade das identidades masculinas.

Outro autor fundamental para esse debate é Michael Kimmel (2008; 2013), que analisa os impactos das transformações sociais sobre a identidade masculina. Segundo Kimmel (2013), processos como a reestruturação econômica, a ampliação da participação feminina em diferentes esferas sociais e as mudanças nas relações familiares produziram, para parte dos homens, percepções de insegurança, perda de reconhecimento e deslocamento de expectativas tradicionais relacionadas à masculinidade. O autor, contudo, adverte que essas experiências não devem ser compreendidas como universais nem como justificativas para determinadas formas de mobilização política ou cultural, mas como fenômenos que exigem análise sociológica.

Na tradição sociológica francesa, Bourdieu (2002) contribui para essa discussão ao analisar a dominação masculina como um sistema simbólico historicamente constituído, reproduzido por instituições sociais e internalizado pelos próprios sujeitos. Para o autor, as relações de gênero são estruturadas por mecanismos de poder que tendem a naturalizar determinadas hierarquias sociais. Sua análise evidencia que as identidades masculinas não podem ser compreendidas isoladamente, mas sempre em relação às estruturas simbólicas que organizam a vida social.

Judith Butler (2003), por sua vez, amplia essa perspectiva ao propor que gênero deve ser entendido como uma prática performativa. Segundo a autora, as identidades de gênero não correspondem a essências naturais, mas são continuamente produzidas e reproduzidas por meio de práticas sociais, linguagens e

normas culturais. Essa abordagem contribui para compreender as masculinidades como processos permanentemente negociados, e não como identidades fixas ou biologicamente determinadas.

Em conjunto, essas contribuições consolidaram um importante referencial para a compreensão das masculinidades contemporâneas. Entretanto, a maior parte dessas formulações foi desenvolvida em um período anterior à consolidação das plataformas digitais como principal ambiente de socialização e produção de identidades coletivas. Embora continuem fundamentais para a análise das relações de gênero, elas oferecem menor atenção aos mecanismos pelos quais algoritmos, plataformas digitais e comunidades virtuais passaram a participar ativamente da construção das identidades masculinas.

Essa observação não reduz a relevância dessas teorias. Ao contrário, evidencia a necessidade de articulá-las às transformações comunicacionais ocorridas nas primeiras décadas do século XXI. A emergência de comunidades digitais voltadas à discussão da masculinidade, a intensificação das recomendações algorítmicas e a crescente influência de influenciadores digitais indicam que parte significativa dos processos de construção identitária ocorre, atualmente, em ambientes mediados por plataformas.

Desse modo, compreender as masculinidades contemporâneas requer integrar os aportes clássicos dos estudos de gênero às contribuições provenientes da Comunicação, da Sociologia Digital e dos estudos sobre plataformas. É nesse ponto que se insere a discussão desenvolvida na seção seguinte, dedicada à cultura digital e à constituição da *manosphere* como espaço de produção, circulação e legitimação de discursos sobre masculinidade.

3 CULTURA DIGITAL, PLATAFORMAS E A CONSTITUIÇÃO DA *MANOSPHERE*

A consolidação das plataformas digitais transformou profundamente os processos de socialização e construção identitária nas últimas décadas. Segundo Castells (2020), a sociedade em rede permitiu que indivíduos geograficamente dispersos formassem comunidades e produzissem sentidos coletivos em escala global. Plataformas como *YouTube*, *Reddit*, *Discord*, *X* e *TikTok* tornaram-se infraestruturas sociotécnicas centrais que organizam fluxos de informação por meio de algoritmos de recomendação, definindo critérios de visibilidade e influenciando a formação de públicos específicos (Van Dijck, Poell; De Waal, 2018; Gillespie, 2018).

Nesse ambiente surge a *manosphere*, um ecossistema heterogêneo de comunidades digitais voltadas às experiências masculinas, aos relacionamentos afetivos, aos direitos dos homens e às críticas às transformações nas relações de gênero (Ging, 2019; Van Valkenburgh, 2021). Entre seus principais segmentos destacam-se os *Men's Rights Activists* (MRAs), os *Men Going Their Own Way* (MGTOW), os *Pick-Up Artists* (PUA), as comunidades *incel* e, especialmente, a *Redpill*, cuja metáfora da “pílula vermelha” simboliza o suposto despertar para uma realidade ocultada sobre gênero e sociedade. Embora

compartilhem certos repertórios discursivos, esses grupos apresentam diferenças significativas em objetivos, ideologia e grau de radicalização. Van Valkenburgh (2021) enfatiza que a *manosphere* não constitui um movimento unificado, mas uma rede de comunidades parcialmente conectadas. Fatores como sistemas de recomendação algorítmica, mecanismos de engajamento e formação de bolhas contribuem de forma relevante para sua expansão e consolidação (Marwick e Lewis, 2017). A *manosphere* articula, portanto, dimensões comunicacionais, tecnológicas e identitárias, exigindo uma abordagem integrada que o presente artigo busca realizar por meio do conceito de Machoísmo Social

4 PROPOSIÇÃO DO CONCEITO DE MACHOÍSMO SOCIAL

As contribuições teóricas revisadas evidenciam lacunas importantes nos estudos existentes. Enquanto os estudos de masculinidades privilegiam as relações de poder e as hierarquias entre diferentes formas de ser homem (Connell, 2005; Kimmel, 2013), as pesquisas sobre plataformas enfatizam a mediação tecnológica (Van Dijck, Poell; De Waal, 2018; Gillespie, 2018) e os trabalhos sobre a *manosphere* concentram-se em comunidades específicas e suas dinâmicas discursivas (Ging, 2019; Van Valkenburgh, 2021). Poucos estudos, no entanto, integram essas dimensões de maneira sistemática.

Propõe-se, portanto, o conceito de Machoísmo Social como categoria analítica original destinada a compreender os processos contemporâneos de reconstrução identitária masculina mediados por plataformas digitais. Define-se provisoriamente Machoísmo Social como o processo sociocultural de reconstrução identitária masculina mediado por plataformas digitais, no qual experiências individuais, narrativas coletivas, mediações algorítmicas e transformações sociais interagem na produção de formas compartilhadas de pertencimento e interpretação da masculinidade.

O conceito não se refere a um movimento específico nem pretende classificar indivíduos ou grupos. Seu foco recai sobre o processo dinâmico de construção identitária coletiva em ambientes digitais. Ele dialoga com a noção de identidades de resistência de Castells (2020) e com a compreensão de Stuart Hall (2006) das identidades como construções históricas e relacionais, mas enfatiza o papel ativo das plataformas como mediadoras centrais desse processo.

Para evitar confusões, o Machoísmo Social diferencia-se claramente de conceitos próximos. Não se confunde com o machismo, entendido como sistema histórico de dominação masculina (Bourdieu, 2002), pois seu foco está na reorganização identitária contemporânea em contextos digitais. Tampouco equivale à masculinidade hegemônica (Connell, 2005), que designa um modelo cultural socialmente legitimado, uma vez que o Machoísmo Social pode abarcar processos subalternos ou contestatórios. Da mesma forma, não se identifica com o masculinismo, que se refere a movimentos políticos organizados, nem com a misoginia, compreendida como hostilidade dirigida às mulheres, embora ambas as dimensões possam estar presentes em alguns contextos. Por fim, o conceito não se restringe à *Redpill*, que representa uma comunidade

específica, atuando como categoria analítica de nível intermediário, mais ampla que uma única comunidade, porém mais precisa que noções gerais de masculinidade.

Essa proposição apoia-se em quatro pressupostos fundamentais: as masculinidades são construções históricas, sociais e relacionais (Connell, 2005; Butler, 2003); as plataformas digitais atuam ativamente na organização da socialização e da visibilidade contemporâneas (Van Dijck, Poell; De Waal, 2018; Gillespie, 2018); as comunidades digitais funcionam como espaços de produção de pertencimento e de interpretação coletiva de experiências (Tajfel Turner, 1979); e a reconstrução identitária resulta da interação dinâmica entre transformações sociais, experiências subjetivas, mediações tecnológicas e práticas comunicacionais. Esses pressupostos sustentam o modelo analítico apresentado a seguir.

5 MODELO ANALÍTICO DO MACHOÍSMO SOCIAL

O Machoísmo Social pode ser compreendido a partir de quatro dimensões interdependentes e recursivas: estrutural, discursiva, tecnológica e identitária. Essas dimensões não operam de forma isolada, mas constituem um sistema relacional no qual estruturas, discursos, tecnologias e processos subjetivos retroalimentam-se continuamente.

A dimensão estrutural refere-se às transformações sociais mais amplas que desestabilizaram os referenciais tradicionais de masculinidade, tais como a ampliação da participação feminina no mercado de trabalho e na educação, a reconfiguração das configurações familiares e as mudanças nas expectativas de gênero. Essas transformações geram, para determinados grupos de homens, percepções de perda de status e de reconhecimento (Kimmel, 2013), criando condições favoráveis à busca por novas narrativas identitárias.

A dimensão discursiva corresponde à produção de narrativas, símbolos e vocabulários compartilhados que organizam experiências individuais em sistemas de significado coletivo. A metáfora da “pílula vermelha” exemplifica bem esse mecanismo, funcionando como dispositivo narrativo que estabelece fronteiras identitárias entre os “despertos” e os demais, atribuindo sentido coletivo a frustrações pessoais (Ging, 2019).

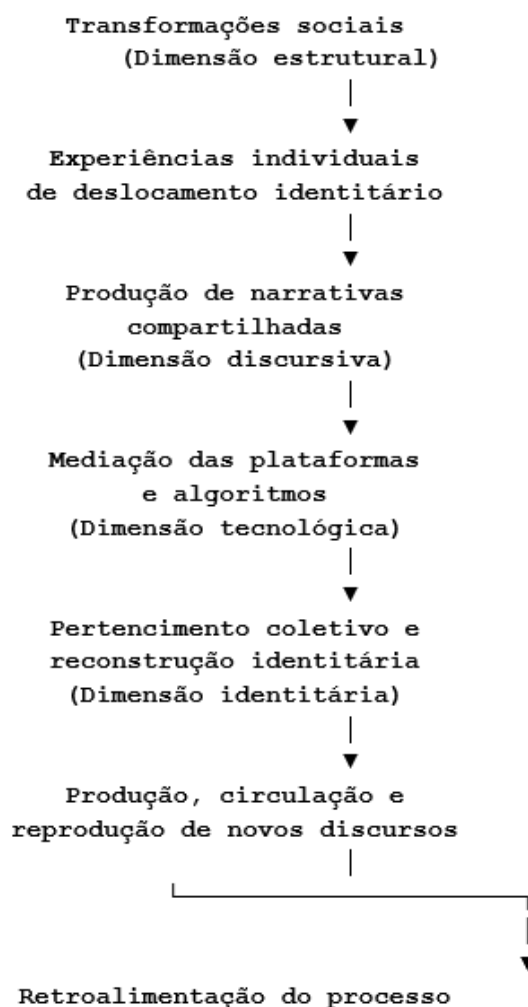
A dimensão tecnológica diz respeito ao papel ativo das plataformas e de seus algoritmos na mediação desses processos. Os sistemas de recomendação amplificam determinados conteúdos, favorecem a formação de bolhas, conectam indivíduos com experiências semelhantes e aumentam a visibilidade de narrativas específicas (Gillespie, 2018; Van Dijck, Poell; De Waal, 2018). Trata-se, contudo, de mediação e não de determinismo tecnológico.

Por fim, a dimensão identitária refere-se aos processos de pertencimento, reconhecimento mútuo e construção de fronteiras simbólicas entre “nós” e “eles”. Inspirada na teoria da identidade social de Tajfel

e Turner (1979), essa dimensão destaca como experiências individuais são reinterpretadas como parte de uma condição coletiva, gerando sentimentos de validação e comunidade.

Em síntese, as quatro dimensões formam um sistema recursivo no qual transformações sociais geram a necessidade de novas narrativas, que são mediadas pelas plataformas digitais e resultam na formação de pertencimentos identitários, retroalimentando as dimensões anteriores. Essa articulação integrada constitui a principal contribuição do modelo proposto, permitindo compreender como as masculinidades digitais contemporâneas são produzidas na interação complexa entre estrutura social, discurso, tecnologia e processos identitários.

Figura 1 – Modelo analítico do Machoísmo Social



Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

6 PRINCÍPIOS EXPLICATIVOS E MECANISMOS DO MACHOÍSMO SOCIAL

A partir das quatro dimensões analíticas apresentadas anteriormente, este artigo propõe cinco princípios explicativos destinados a compreender os mecanismos pelos quais determinadas formas

contemporâneas de identidade masculina são produzidas, compartilhadas e fortalecidas em ambientes digitais.

Esses princípios não devem ser interpretados como leis universais ou relações determinísticas. Constituem proposições teóricas que orientam a análise de fenômenos sociais complexos, podendo ser posteriormente examinadas por pesquisas empíricas de diferentes naturezas, como estudos de caso, etnografias digitais, análises de discurso ou pesquisas de recepção.

6.1 PRINCÍPIO DA REORGANIZAÇÃO IDENTITÁRIA MASCULINA

O primeiro princípio estabelece que transformações sociais significativas podem produzir processos de reorganização identitária entre grupos que percebem alterações nos referenciais tradicionais de reconhecimento.

As identidades sociais não permanecem estáticas diante das mudanças históricas. Conforme Hall (2006), a identidade é um processo contínuo de construção e reconstrução, influenciado pelas condições culturais e sociais nas quais os sujeitos estão inseridos.

No campo das masculinidades, Connell (2005) demonstra que os modelos de ser homem são constantemente negociados dentro de estruturas sociais em transformação. Assim, quando determinados referenciais associados à masculinidade tradicional são questionados ou deslocados, podem surgir movimentos de adaptação, negociação ou resistência.

O Machoísmo Social, nesse sentido, refere-se ao processo pelo qual parte dessas reorganizações identitárias ocorre por meio de comunidades digitais que oferecem interpretações compartilhadas sobre as mudanças sociais.

Esse princípio não afirma que todos os homens experimentam crise identitária diante das transformações sociais. Ele indica que, em determinados contextos, comunidades podem surgir como espaços de reconstrução simbólica do pertencimento masculino.

6.2 PRINCÍPIO DA CONVERSÃO DA EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL EM NARRATIVA COLETIVA

O segundo princípio afirma que experiências individuais podem ser transformadas em interpretações coletivas quando encontram comunidades capazes de atribuir significado compartilhado a essas experiências. A sociologia compreende há décadas que indivíduos interpretam suas trajetórias pessoais a partir de contextos sociais mais amplos. Wright Mills (1959), ao discutir a relação entre biografia e história, argumenta que questões pessoais frequentemente estão relacionadas a estruturas sociais mais amplas.

No ambiente digital, esse processo assume novas características. Plataformas permitem que indivíduos encontrem rapidamente outras pessoas com experiências semelhantes, favorecendo a construção

de comunidades interpretativas. Nesse processo, acontecimentos particulares, como dificuldades afetivas, experiências profissionais ou conflitos pessoais, podem ser incorporados a narrativas coletivas sobre masculinidade. O elemento central não é a experiência isolada, mas o processo social pelo qual ela recebe uma interpretação compartilhada.

6.3 PRINCÍPIO DA AMPLIFICAÇÃO ALGORÍTMICA

O terceiro princípio refere-se ao papel das plataformas digitais na expansão e manutenção das comunidades. As tecnologias digitais modificaram profundamente os mecanismos tradicionais de circulação de ideias. Diferentemente dos meios de comunicação de massa do século XX, as plataformas contemporâneas organizam a visibilidade por meio de sistemas automatizados de recomendação e classificação.

Segundo Gillespie (2018), algoritmos não são mecanismos neutros, pois incorporam critérios de seleção que influenciam quais conteúdos recebem maior exposição. Van Dijck, Poell e De Waal (2018) acrescentam que as plataformas organizam práticas sociais ao estabelecer modelos próprios de interação, participação e visibilidade.

No contexto do Machoísmo Social, a amplificação algorítmica refere-se ao processo pelo qual determinados discursos sobre masculinidade podem alcançar públicos maiores, conectar indivíduos dispersos e fortalecer comunidades de identificação.

Entretanto, o princípio rejeita uma interpretação tecnológica determinista. Algoritmos não produzem identidades por si mesmos; eles alteram as condições pelas quais discursos e comunidades se tornam mais ou menos visíveis.

6.4 PRINCÍPIO DA LEGITIMAÇÃO COMUNITÁRIA

O quarto princípio afirma que comunidades digitais funcionam como espaços de validação e legitimação de interpretações compartilhadas da realidade.

A formação de grupos sociais envolve processos de reconhecimento mútuo, produção de símbolos e construção de fronteiras entre pertencentes e não pertencentes. Conforme Tajfel e Turner (1979), a identidade social é construída parcialmente pela relação entre grupos, produzindo mecanismos de identificação e diferenciação.

Nas comunidades digitais voltadas à masculinidade, esse processo ocorre por meio de linguagem própria, referências simbólicas compartilhadas, figuras de autoridade e repetição de narrativas e reconhecimento entre participantes.

A legitimação comunitária não significa necessariamente consenso absoluto entre os participantes, mas indica a existência de mecanismos internos que fortalecem determinadas interpretações. Nesse sentido,

o grupo atua como espaço de produção de sentido, no qual experiências individuais são confirmadas por narrativas coletivas.

6.5 PRINCÍPIO DA REPRODUÇÃO PARTICIPATIVA

O quinto princípio refere-se ao fato de que usuários digitais não são apenas consumidores de discursos, mas também produtores e disseminadores de conteúdo. Jenkins (2009) demonstra que a cultura digital ampliou a participação dos sujeitos na produção e circulação de informações. Essa característica é fundamental para compreender comunidades organizadas em plataformas digitais.

No contexto do Machoísmo Social, os participantes podem inicialmente ocupar a posição de espectadores, mas posteriormente tornar-se produtores de conteúdo, comentaristas ou agentes de divulgação das narrativas do grupo. Esse processo produz continuidade e expansão comunitária. A reprodução participativa ocorre quando indivíduos passam a compartilhar, reinterpretar e adaptar discursos coletivos, contribuindo para sua permanência no ambiente digital.

6.6 SÍNTESE DOS PRINCÍPIOS

Os cinco princípios podem ser organizados em uma sequência analítica:

Tabela 1: Síntese dos princípios explicativos do Machoísmo Social

Etapas	Processos	Dimensão predominante
1	Transformações sociais geram necessidade de reorganização identitária	Estrutural
2	Experiências individuais recebem interpretações coletivas	Discursiva
3	Plataformas ampliam circulação e conexão entre indivíduos	Tecnológica
4	Comunidades validam narrativas compartilhadas	Identitária
5	Participantes reproduzem e expandem discursos	Reprodutiva / Participativa

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Esse modelo sugere que o Machoísmo Social não deve ser compreendido como resultado de uma única causa, mas como um processo emergente produzido pela interação entre múltiplos fatores.

A próxima seção será dedicada à discussão crítica do conceito, abordando em que medida o Machoísmo Social amplia os estudos existentes, quais são suas diferenças em relação ao machismo e à masculinidade hegemônica, quais são os riscos de generalização, como o conceito pode ser investigado empiricamente e quais implicações possui para a Educação e o letramento digital.

7 DISCUSSÃO

7.1 CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DA PROPOSTA CONCEITUAL

A proposição do conceito de **Machoísmo Social** busca contribuir para o debate contemporâneo sobre masculinidades ao deslocar a análise de grupos específicos para os processos sociais que permitem a formação, circulação e consolidação de identidades masculinas em ambientes digitais. Com isso, o conceito avança em relação às análises fragmentadas atualmente predominantes na literatura.

A literatura existente oferece instrumentos fundamentais para compreender diferentes dimensões desse fenômeno. Os estudos sobre masculinidades demonstram que as identidades masculinas são construções históricas e relacionais (Connell, 2005; Connell; Messerschmidt, 2005). As pesquisas sobre a *manosphere* evidenciam a existência de comunidades digitais organizadas em torno de discursos sobre masculinidade, relacionamentos e pertencimento (Ging, 2019; Van Valkenburgh, 2021). Os estudos sobre plataformas digitais demonstram que tecnologias de recomendação, visibilidade e interação modificaram os processos de circulação de informações e formação de comunidades (Van Dijck; Poell; De Waal, 2018; Gillespie, 2018).

A contribuição específica da categoria proposta consiste em articular essas dimensões em um mesmo modelo interpretativo. O Machoísmo Social não pretende substituir conceitos consolidados, mas oferecer uma lente complementar para investigar como identidades masculinas são reconstruídas quando experiências individuais encontram ambientes digitais capazes de produzir pertencimento coletivo.

Essa perspectiva permite compreender que fenômenos como a *Redpill* não surgem exclusivamente de características individuais dos participantes nem apenas de estruturas sociais externas. Eles emergem da interação entre sujeitos, discursos, tecnologias e contextos históricos.

Nesse sentido, a categoria proposta aproxima-se das abordagens contemporâneas que compreendem a sociedade digital como um espaço de produção híbrida entre tecnologia e relações sociais. Conforme Latour (2012), fenômenos sociais contemporâneos não podem ser analisados separando rigidamente

elementos humanos e não humanos, pois objetos técnicos e infraestruturas participam da organização das práticas sociais.

Aplicado ao objeto deste artigo, isso significa reconhecer que plataformas digitais não são apenas espaços onde discursos circulam, mas ambientes que influenciam os modos pelos quais grupos se formam, comunicam-se e estabelecem critérios de pertencimento.

7.2 DIFERENÇAS EM RELAÇÃO AO MACHISMO TRADICIONAL

Uma questão central para a delimitação do conceito é sua relação com o machismo. O machismo, conforme discutido por Bourdieu (2002), refere-se a estruturas simbólicas e práticas sociais historicamente construídas que produzem e naturalizam desigualdades entre homens e mulheres. Seu foco analítico está nas relações de dominação e reprodução de hierarquias de gênero. O Machoísmo Social, por outro lado, não é definido pela simples reprodução dessas estruturas. Seu foco está no processo contemporâneo de reconstrução identitária masculina em ambientes digitais.

Essa distinção não significa que os fenômenos sejam independentes. Determinadas comunidades digitais podem reproduzir discursos alinhados ao machismo ou à misoginia. Entretanto, a categoria proposta busca compreender um processo mais amplo: como determinadas identidades masculinas são produzidas e fortalecidas em redes digitais. Assim, o Machoísmo Social deve ser compreendido como uma categoria de análise dos processos identitários, e não como uma classificação moral de indivíduos ou grupos.

7.3 LIMITAÇÕES DA PROPOSTA CONCEITUAL

Como todo conceito em construção, o Machoísmo Social apresenta limites que precisam ser reconhecidos. Primeiramente, trata-se de uma proposição teórica que necessita de validação empírica. Estudos futuros deverão investigar sua aplicabilidade em diferentes contextos culturais e comunidades digitais. Em segundo lugar, existe o risco de generalização excessiva. A diversidade interna da *manosphere* demonstra que grupos associados às masculinidades digitais possuem características distintas, sendo necessário evitar interpretações homogêneas (Ging, 2019; Van Valkenburgh, 2021). Além disso, o conceito ainda requer maior teste em contextos não-anglófonos, especialmente na América Latina, onde as dinâmicas de raça e classe podem modular sua manifestação.

Em terceiro lugar, o conceito não pretende explicar todas as experiências masculinas contemporâneas. A masculinidade é plural, atravessada por classe social, raça, geração, território, sexualidade e contexto histórico. Por fim, deve-se considerar que comunidades digitais podem exercer diferentes funções para seus participantes. Enquanto alguns espaços podem reforçar discursos excludentes,

outros podem funcionar como ambientes de apoio, reflexão e troca de experiências, onde a categoria proposta deve ser utilizada como instrumento analítico aberto ao debate científico.

7.4 POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA PESQUISAS FUTURAS

Embora este artigo tenha caráter teórico, o conceito de Machoísmo Social permite diferentes caminhos de investigação empírica. Uma primeira possibilidade consiste na realização de **etnografias digitais**, metodologia desenvolvida para compreender práticas culturais em ambientes virtuais. Conforme Hine (2015), a internet deve ser investigada não apenas como ferramenta, mas como espaço social no qual significados são produzidos.

Pesquisadores poderiam acompanhar comunidades digitais específicas, analisando as formas de interação, vocabulários utilizados, processos de entrada e permanência, figuras de liderança e as narrativas predominantes.

Outra possibilidade seria a realização de **análises de discurso**, investigando como determinados sentidos sobre masculinidade são construídos linguisticamente. Também seriam possíveis estudos quantitativos utilizando análise de redes sociais digitais, observando padrões de conexão, circulação de conteúdos, influência de determinados produtores e as trajetórias de disseminação.

Além disso, pesquisas no campo da Educação poderiam investigar como jovens interpretam conteúdos relacionados à masculinidade nas plataformas digitais e quais estratégias de letramento digital crítico podem contribuir para uma participação mais consciente nesses ambientes.

8 IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO E O LETRAMENTO DIGITAL CRÍTICO

A emergência de comunidades digitais voltadas às masculinidades evidencia novos desafios para a educação contemporânea. A escola e a universidade não são mais os únicos espaços de produção de conhecimento e formação identitária. Plataformas digitais passaram a ocupar papel significativo na construção das visões de mundo dos sujeitos.

Nesse cenário, o enfrentamento de discursos polarizados não deve ocorrer apenas pela oposição direta ou pela censura, mas pelo desenvolvimento de competências críticas. Freire (1996) destaca que a educação deve promover a capacidade de leitura crítica do mundo, permitindo que sujeitos compreendam os contextos históricos, sociais e políticos nos quais estão inseridos.

Aplicado ao ambiente digital, esse princípio implica desenvolver o chamado letramento digital crítico: a capacidade de analisar informações, compreender mecanismos de circulação de conteúdos, identificar estratégias discursivas e refletir sobre os efeitos sociais das tecnologias. No caso das discussões sobre masculinidade, isso significa criar espaços educativos capazes de abordar diferentes formas de ser

homem, relações de gênero, afetividade e convivência, cidadania digital e o pensamento crítico diante de informações online.

A educação, portanto, possui papel fundamental na formação de sujeitos capazes de participar dos debates contemporâneos sem aderir automaticamente a discursos simplificadores ou polarizados.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs o conceito de Machoísmo Social como categoria analítica destinada a compreender **o processo** de reconstrução identitária masculina mediado por plataformas digitais. Mais do que descrever conteúdos ou classificar grupos, o conceito busca explicar **o como** dessa reconstrução ocorre: um processo sociocultural dinâmico e recursivo em que transformações sociais, experiências individuais, mediações algorítmicas e narrativas coletivas interagem continuamente, produzindo formas compartilhadas de pertencimento e interpretação da masculinidade.

Ao articular as dimensões estrutural, discursiva, tecnológica e identitária em um modelo integrado, o Machoísmo Social oferece uma lente que supera análises fragmentadas predominantes na literatura. Ele não substitui conceitos consolidados como masculinidade hegemônica, machismo e misoginia, mas atua como ferramenta complementar, especialmente útil para investigar fenômenos emergentes da cultura digital. Seu caráter processual e mediado permite compreender que as masculinidades contemporâneas não são meros reflexos de mudanças sociais nem produtos diretos de algoritmos, mas resultados de uma interação complexa e contínua entre sujeitos, discursos, tecnologias e contextos históricos.

Como ensaio teórico, este trabalho apresenta limitações relacionadas à ausência de investigação empírica direta. Pesquisas futuras deverão testar a aplicabilidade do conceito em diferentes contextos culturais, plataformas e comunidades, especialmente na América Latina. Ainda assim, a principal contribuição reside em evidenciar que a reconstrução identitária masculina hoje se dá de forma profundamente mediada por plataformas digitais, exigindo abordagens que levem a sério o papel ativo dessas tecnologias na produção de sentidos, pertencimentos e comunidades.

Compreender o Machoísmo Social significa, portanto, investigar como sujeitos constroem sentidos sobre si mesmos e sobre o mundo em uma sociedade cada vez mais mediada por algoritmos e ambientes digitais, oferecendo uma ferramenta analítica relevante para os campos dos estudos de gênero, comunicação, sociologia e educação.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0891243205278639>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GILLESPIE, Tarleton. **Custodians of the Internet**: Platforms, Content Moderation, and the Hidden Decisions That Shape Social Media. New Haven: Yale University Press, 2018.

GING, Debbie. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. **Men and Masculinities**, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1097184X17706401>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet**: Embedded, Embodied and Everyday. London: Bloomsbury, 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KIMMEL, Michael. **Guyland**: The Perilous World Where Boys Become Men. New York: Harper, 2008.

KIMMEL, Michael. **Angry White Men**: American Masculinity at the End of an Era. New York: Nation Books, 2013.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.

MARWICK, Alice; LEWIS, Rebecca. **Media Manipulation and Disinformation Online**. New York: Data & Society Research Institute, 2017.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1959.

TAJFEL, Henri; TURNER, John C. An Integrative Theory of Intergroup Conflict. In: AUSTIN, W. G.; WORCHEL, S. (org.). **The Social Psychology of Intergroup Relations**. Monterey: Brooks/Cole, 1979.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society**: Public Values in a Connective World. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VAN VALKENBURGH, Shawn Peter. Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. **Men and Masculinities**, v. 24, n. 1, p. 84-103, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1097184X18816118>